

AERONÁUTICA

Kipling saudou a aviação, em seus começos, como "a jovem cavalaria do ar", e os homens de nossa Aeronáutica estão mostrando merecer esse nobre epíteto. Há uma grande beleza moral em seu gesto unânime do último domingo; não foi apenas o sangue do major fuzilado na rua que levou oficiais e brigadeiros a produzir essa tremenda condenação moral de um governo; isso já seria belo, mas desde o momento em que a própria Aeronáutica se incumbiu do inquérito e até o momento em que ela não se puder queixar de ter encontrado algum óbice estranho na apuração do crime, seus homens certamente não deveriam ir mais longe.

O que revoltou esses homens foi o pustulento caudal de crimes e sem-vergonheiras que jorrou das gavetas palacianas do Gregório. O que eles viram foi certamente apenas um pequeno corte transversal do podriíssimo tecido desse governo; mas isso lhes bastou. Feriu-os, talvez, acima de tudo, o contraste entre a pobreza limpa e o civismo exemplar do companheiro morto e a orgia de falcatruas de seus assassinos.

Conta o ministro Epaminondas Gomes dos Santos que explicou aos brigadeiros a situação: sem tropa, a Aeronáutica não poderia forçar nenhuma renúncia; o ministro Zenóbio tinha no momento suficiente controle do Exército. Eles responderam: "Mas nós também temos o direito de emitir uma opinião, e é o que estamos fazendo."

Não houve, portanto, um ultimato — a não ser um ultimato moral e desde logo perfeitamente incapaz de mover um homem como o sr. Vargas. Quando o marechal Mascarenhas de Moraes entrou no Palácio, o sr. Vargas já estava seguro.

A atitude do Exército na noite de domingo não pode iludir ninguém. O que a oficialidade pensa do sr. Getúlio Vargas e dos crimes de seu governo ficou bem claro na memorável reunião do Clube Militar. Há, na imensa maioria da oficialidade da Aeronáutica, do Exército e da Marinha, uma tranqüila certeza de que todos estão juntos porque a todos causam revolta e nojo os desmanchos e desmandos do governo. Esses oficiais não fazem mais que refletir a opinião pública. Não há um só homem de bem neste país, digo mais, não há um só homem sensato que não veja que a solução melhor, a única solução verdadeira da crise, seria a renúncia do sr. Vargas. As divergências começam apenas na maneira de encarar e aturar o seu fiquismo de eterno caradura.

Ele engoliu a nota dos brigadeiros como, há meses, engoliu o memorial dos coronéis. Engole qualquer coisa, desde que o deixem dentro do palácio a estudar uma forra.

Assim é o homem, e esse homem não muda; mudem-no, se quiserem; ou aturem-no, se puderem. — R. B. 24/8/54